

A DOCTRINA DO LOGOS NA PERSPECTIVA PATRÍSTICA: um estudo a partir de João 1.1

The Doctrine of Logos in the Patristic Perspective: a study from John 1.1

Josinéia da Hora de Souza¹

Sandro Pereira²

RESUMO

O presente trabalho aborda a doutrina do *Logos* na percepção dos pais da Igreja. Este assunto foi muito debatido no início da era Cristã, depois da declaração do Quarto Evangelho de ser Jesus o *Logos* encarnado, quando afirmou que: “No princípio era o *Logos* e o *Logos* estava com Deus e o *Logos* era Deus”. Essa declaração suscitou em debates que culminou em Concílios, criados para a defesa da fé cristã. Os pais da Igreja foram os proponentes destes debates. Com coragem e ousadia se levantaram contra os hereges para declarar que Jesus era divino, como o Quarto Evangelho já havia declarado. Para elucidar esta questão foi feita uma análise de material bibliográfico sobre o *Logos* no Filosofia, uma vez que essa concepção do termo era muito difundida pelos filósofos no tempo em que o Evangelho foi escrito; uma análise exegética da perícopes do Evangelho no capítulo 01, versículos de 01 a 05, através do método Histórico-Crítico, a fim de entender o que o Evangelista tinha em mente ao fazer esta declaração polêmica; e um passeio pela "Patrística", ou "pais da Igreja" a fim de entender e conhecer suas defesas acerca do assunto. Ficou evidenciado que os pais da Igreja não se acovardaram diante das heresias surgidas, mas, tiveram a coragem de se levantar em defesa da sua fé no Deus-homem. Todos fundamentaram suas defesas nas Escrituras Sagradas tomando como base a declaração joanina. Alguns se utilizaram das concepções filosóficas acerca do *Logos*, porém, sem que isso se tornasse o fundamento principal. Fica a lição para a Igreja na atualidade de não se dobrar diante das heresias existentes, mas, de se levantar com coragem para declarar ao mundo que a fé no Jesus-*Logos*, ou seja, no Deus-homem continua atual.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba. Bacharel em Ciências Contábeis).

² Mestre em Ciências da Religião pela UESP. Pós-graduado em Educação à Distância pela Faculdade de Administração, Ciências e Letras (FACEL); Pós-graduado em Pedagogia Social pela FACEL; Professor na Faculdade Cristã de Curitiba.



Palavras-chave: *Logos*; Pais da Igreja; Evangelho de João.

ABSTRACT

The present work deals with the doctrine of the Logos in the perception of the fathers of the Church. This subject was much debated at the beginning of the Christian era, after the declaration of the Fourth Gospel of being Jesus the incarnate Logos, when he stated that: "In the beginning was the Logos and the Logos was with God and the Logos was God." This statement provoked in debates that culminated in Councils, created for the defense of the Christian faith. The fathers of the Church were the proponents of these debates. With courage and boldness they rose up against the heretics to declare that Jesus was divine, as the Fourth Gospel had already declared. To elucidate this question an analysis of bibliographical material on the Logos in Philosophy was made, since this conception of the term was very widespread by the philosophers at the time the Gospel was written; an exegetical analysis of the pericope of the Gospel in chapter 1, verses 01 to 05, through the Historical-Critical method, in order to understand what the Evangelist had in mind in making this controversial statement; and a tour of the "Patristic" or "fathers of the Church" in order to understand and know their defenses on the subject. It was evidenced that the fathers of the Church did not cower in the face of the heresies which had arisen, but they had the courage to rise up in defense of their faith in the God-man. They all grounded their defenses in the Holy Scriptures on the basis of the Johannine statement. Some have used philosophical conceptions about the Logos, but this has not become the main foundation. It is a lesson for the Church today not to bend to existing heresies, but to stand up boldly to declare to the world that faith in Jesus-Logos, that is, in the God-man, remains current.

Keywords: *Logos*; Fathers of the Church; Gospel of John.

INTRODUÇÃO

No início da era cristã nasceu um homem por nome Jesus, que tinha como codinome Nazareno. Sua influência foi tão grande que dividiu a história ao meio. Homem revolucionário, que convocou pessoas para ensinar acerca do Reino de Deus. Odiado por uns e amado por outros, foi crucificado como malfeitor. Depois da sua morte seus seguidores deram início à



propagação dos seus ensinamentos, culminando no compêndio de livros hoje conhecido como Bíblia Sagrada.

Acerca deste homem, foram levantados diversos questionamentos naquela época e que perduram até hoje. Em relação a sua humanidade, não se tem muitas, ou quase nenhuma dúvida, pois, a própria história o registra. A grande questão então é se de fato ele era Deus, como foi declarado. Declarações estas que se encontram nas Escrituras. O texto que deixa isso bem claro é o prólogo do Quarto Evangelho, ao declarar que “No princípio era o *Logos*, e o *Logos* estava em Deus, e o *Logos* era Deus (João 1.1)”. Esta declaração suscitou muitos debates teológicos no início da Igreja Cristã que culminou em Concílios, criados para fundamentar este e outros assuntos e combater as heresias que foram surgindo, tendo como defensores os “Pais da Igreja”.

Mesmo diante de represálias, os pais da Igreja não se acovardaram em defender a fé na divindade de Cristo. Tomando como base o texto joanino e outros textos sagrados foram firmes ao combater os hereges, que se baseavam na Filosofia para contradizer a doutrina joanina do *Logos*. Homens que deixaram o seu legado na história secular e cristã.

É notória a discussão acerca do *Logos* ao longo da história cristã. O tema continua atual. Muitos negam a divindade de Cristo, e, mesmo os que acreditam, muitas vezes não tem noção do que afirmam. É preciso ter coragem para enfrentar o mundo em suas concepções errôneas. O *Logos* joanino e a defesa dos pais da Igreja acerca dele, deixam uma lição para a Igreja: não se dobrar diante das heresias, mas, declarar com ousadia e coragem que o Deus-homem está vivo e quer salvar a todos.

1. O LOGOS NA FILOSOFIA

O termo *Logos* surgiu na antiga filosofia grega, mais especificamente com Heráclito, consolidando-se no estoicismo.

A expressão *Logos* possui diversos significados na filosofia grega antiga. O termo é traduzido por “palavra”, “expressão”,



“pensamento”, “conceito”, “discurso”, “fala”, “verbo”, “razão”, “inteligência” (MORA, 2001, p. 1794). Destas expressões surgiram outras, formando várias combinações.

Em relação ao significado de *Logos* Japiassu e Marcondes (2001, p. 121) afirmam que existem vários conceitos em inúmeras correntes filosóficas. Continuam, mencionando que “supõe-se que em seu sentido etimológico originário de "reunir", "recolher", estaria contido o caráter de combinação, associação e ordenação do logos, que daria assim sentido às coisas”. Fica explícito neste comentário, uma ideia de *Logos* como princípio, origem e ordenação das coisas, a fim de serem vistas tais como o são.

Portanto, na filosofia a ideia de *Logos* não é única, mas possui significados diferentes que se configuram desde a ideia de razão, enquanto raciocínio, assim como a lei que rege todas as coisas.

Assim, é necessário iniciar a pesquisa com esse importante filósofo: Heráclito de Éfeso, que cunhou este termo, a fim de conhecer suas ideias e pensamentos a respeito do assunto.

1.1 Heráclito de Éfeso

Heráclito nasceu em Éfeso. Não se tem certeza da data de seu nascimento e morte e também da sua vida. Isso se deve a escassez de informações desse período. É tido convencionalmente que ele era um filósofo do período pré-socrático.

Suas afirmações a respeito do *Logos* suscitam discussões de diversos filósofos, que tecem inúmeras interpretações para o que ele falou a respeito desse assunto.

Para Heráclito, o *Logos* se configura como uma razão que rege todo o universo, possibilitando que este tenha ordem, justiça e destino. Quem procura conhecer e aceitar suas resoluções se torna sábio. Essa razão universal tem como princípio e fim de todas as coisas, o fogo (MORA, 2001, p. 1795). Uma explicação mais detalhada sobre esse pensamento é dada por Reale e Antiseri, (2007, p. 22) ao discorrer o que seria esse fogo como



princípio. Este se encontra em constante movimento, ou seja, não se extingue, além de trazer à tona uma harmonia contínua do cosmos por seu dualismo: queima e cinzas.

Depois de Heráclito surgiram outros filósofos e escolas filosóficas que defenderam a ideia de *Logos*, sendo uma delas, o estoicismo.

1.2 O Estoicismo

O Estoicismo foi uma das grandes escolas de pensamento filosófico no período helenista, sendo para muitos a mais famosa desse período.

Os estoicos formulam pela primeira vez de forma sistematizada a concepção filosófica do panteísmo (advinda do platonismo), em que existe uma relação entre cosmos e Deus. Nesta relação, Deus é tudo e tudo é Deus, pois é este Deus-*Logos* que dá forma as coisas “move-as e as dispõem racionalmente” (REALE E ANTISSEI, 2003, p. 283). Apropria-se, também, das ideias aristotélicas e heraclianas para formular a concepção do *Logos*. Neste sentido Aquino (2013, p. 310) comenta que os estoicos se apropriam do *Logos* como fogo de Heráclito, em que é material e tem o poder de criar, reagir e penetrar nas coisas, constituindo-se, então, de natureza material. Além desse fogo advindo de Heráclito, o *Logos* possui manifestações no ser humano, constituídas de lógica, física e ética, em que são essenciais para o conhecimento filosófico das coisas e, conseqüentemente, o *Logos* como o saber. Esse conceito tripartite vai ficar bem definido na concepção do estoicismo de uma forma geral e não apenas para o *Logos*, pois para eles a filosofia deveria ser dividida nestes três aspectos.

Segundo Tillich, (2000, p. 30) o *Logos* possui três distinções para os estoicos: como lei da natureza em que rege todas as coisas, de onde advém o início de tudo; como lei moral e como a capacidade humana de raciocínio ou razão, possibilitando aos seres humanos tornarem-se sábios.



Depois de um certo tempo em que os estoicos defenderam sua ideia de *Logos*, surgiu no período da filosofia helênica um judeu que revolucionou a forma de pensar da época, a respeito desse e de outros assuntos; seu nome é Filon de Alexandria.

1.3 Fílon de Alexandria

Existem poucas informações a respeito da vida pessoal de Filon de Alexandria. Estima-se que viveu entre 20 a.C. e 50 d.C.. Era judeu, de uma família que tinha posses. Viveu durante o período chamado helenismo, em que a cultura grega predominava. Isso trouxe influências na forma de pensar e de fazer filosofia.

Fílon tem um grande papel na história filosófico-judaica por buscar uma fusão entre a filosofia grega e a teologia mosaica, criando a chamada “filosofia mosaica”.

As ideias de Filon continham conceitos até então desconhecidos para a filosofia helênica. Ele utilizou-se do pensamento estoico a respeito do *Logos*, mas assegurou novo significado, adicionando o conceito de transcendência. Segue, portanto, também, a ideia platônica de *Logos*, embora não de forma completa. Reale e Antisseri, (1990, p. 32) afirmam que para Filon o *Logos* tinha o conceito de ideia inteligível e esta advém das concepções platônicas acerca do mundo. Portanto, embora Filon acreditasse na concepção judaica de criação a partir do nada, aplicou uma nova forma de pensar ao adicionar que essa criação só foi possível por causa do cosmos inteligível, onde está estabelecido o mundo das ideias, em que tudo é perfeito, diferente do mundo físico. O *Logos*, então, é esse mundo ideal das ideias.

Fílon é que introduz a distinção entre a Palavra interna e a Palavra expressa (*lógos endiathetós* e *logos prophorikós*). Gonzales (2004, p. 45) comenta acerca da distinção entre os termos ao mencionar que “a Palavra interna corresponde ao mundo das ideias, enquanto que a Palavra pronunciada corresponde à razão, que serve como forma para o mundo material”. O autor continua



informando que em relação ao caráter, esse *Logos* concebido por Filon é diferente do *Logos* do Quarto Evangelho, pois, o Logos de Filon é um ser inferior. Isso “nega o relacionamento direto entre o ser divino e o mundo”, ideia bem diferente do Quarto Evangelho.

Essas ideias e conceitos filosóficos a respeito do *Logos* foram de grande influência para o pensamento cristão no contexto do ambiente em que o Evangelho de João foi escrito. Surge então, a importância de uma análise exegética do texto joanino a fim de obter o conhecimento correto sobre a declaração evangélica de ser Jesus o *Logos* encarnado.

2. O LOGOS A PARTIR DE JOÃO: análise exegética de João 1.1-5

O prólogo do Quarto Evangelho trás em seu início uma declaração que suscitou diversos debates no início da era cristã: Jesus Cristo como o *Logos* encarnado. Aqui é feita uma análise dos cinco primeiros versículos do Quarto Evangelho utilizando-se o método exegético histórico crítico a fim de entender o objetivo do autor ao fazer esta declaração.

O Evangelho de João é muito discutido quanto a sua autoria, local e data de redação. Muitos estudiosos se desdobraram para elucidar essas questões no decorrer da história. Ainda hoje existem discussões a esse respeito.

Existem várias teorias acerca da data, mas, nenhuma a define claramente. Carson (2007, p. 82) fala das sugestões surgidas nos últimos cento e cinquenta anos a esse respeito, e informa que as datas “variam de 70 d.C. aos últimos vinte e cinco anos do século II”. Embora qualquer data entre 55 e 95 d.C seja possível aceitar, Carson arrisca a data de 80 d.C.

Bultmann (2008, p. 438) comenta sobre isso, afirmando que são desconhecidos a data, o local e o autor do Evangelho. Levanta a hipótese de que a data da redação possivelmente seja no primeiro século, em decorrência da existência de citações do Evangelho em papiros no segundo século.



Em relação à autoria, Dockery (2001, p. 643) aposta em João, pois existem evidências que apontam ser ele o autor, tais como: citações de pessoas anônimas que aparecem nos Sinóticos, recebem nomes nos seus escritos (6.7-8; 12.3; 18.10), conhecimento do autor da geografia e dos costumes judaicos da Palestina além da auto inclusão no círculo dos discípulos mais íntimos que nos Evangelhos Sinóticos são identificados como Pedro, Tiago e João. Dockery conclui, informando que escritores dos primeiros séculos da igreja, como Tertuliano e Irineu, atribuem a autoria ao apóstolo João.

O local em que o Evangelho foi escrito não é tão discutido quanto a sua data e autor, mas, também, tem defensores controversos. Hull (1983, p. 238) comenta que a hipótese mais aceita é que o Evangelho foi escrito em Éfeso, uma província da Ásia Menor. Esta hipótese é atestada por evidências internas (trechos no próprio Evangelho) e externas (pais apostólicos). As outras hipóteses são Alexandria, por causa da relação entre Fílon e a leitura sapiencial e Antioquia, pela conexão com Inácio. Hendriksen (2004, p. 47) concorda com Hull na afirmação de que o Evangelho foi escrito em Éfeso. Ele informa que João viveu em Éfeso por vários anos e que a tradição é quase unânime ao aceitar esse local para o escrito do Quarto Evangelho.

Em relação ao propósito e leitores do Quarto Evangelho também existem controvérsias. Hendriksen (2004, p. 49ss) tece comentários a esse respeito, elencando várias suposições. Alguns afirmam que o Evangelho foi escrito para corrigir os Sinóticos, mas, isso é inaceitável, porque não existem conflitos “reais” entre eles. Outra proposta defende que foi escrito para suprir informações suplementares que não se encontram nos Sinóticos. Isso é atestado por declarações de pais da igreja como Clemente de Alexandria e Eusébio. Para Hendriksen essa hipótese de apenas suplemento aos Sinóticos pode ser considerada um objetivo secundário, mas, não principal, assim como as outras teorias existentes, como a de refutar os erros de Cerinto e o de combater o entendimento equivocado a respeito de João Batista.



A respeito dos leitores do Evangelho, Hendricksen (2004, p. 55) atesta que em primeira instância eram cristãos, principalmente gentios que viviam em Éfeso e regiões vizinhas. Isso é evidente nas explicações que o evangelista dá acerca dos costumes e condições judaicas, conforme referências de 2.6; 4.9; 7.2, dentre outras, bem como explicações das suas menções de locais da Palestina, conforme 4.5; 5.2; 6.11 dentre outras. Porém, o Evangelho, também foi escrito para a “Igreja de todas as épocas - cf. 17.20, 21”.

O processo de redação do Quarto Evangelho é um enigma que perdura até hoje e que tem várias suposições. Isso se deve a existência de inúmeras incongruências, aporias (palavras abruptas) e descontinuidades no texto. O Quarto Evangelho tem algumas similaridades com os Sinóticos, mas, muitas diferenças estilísticas. Maggioni e Fabris (2006, p. 259) citam semelhanças como alguns episódios comuns: “o testemunho do Batista, a purificação do templo, o milagre dos pães, a caminhada sobre as águas; algumas sentenças do Senhor, geralmente esparsas; e, sobretudo a ampla narração da Paixão”. Maggioni e Fabris (2006, p. 260) continuam, informando que, por outro lado, existem diferenças como a questão literária, teológica, os relatos e os discursos. Por isso tudo é levantada a pergunta se o evangelista conhecia os Sinóticos e se utilizou os seus escritos para compor o Quarto Evangelho. Muitos defendem esta hipótese.

Além dessa hipótese, existem outras. A que tem mais adeptos acredita que o Evangelho foi redigido em várias fases e que vários autores participaram da redação. Essa hipótese é aceita por Tuñi (2000, p. 58-63) que defende a redação pela comunidade joanina.



2.1 O Texto Grego

1 Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.
 2 οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν.
 3 πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν. ὃ γέγονεν
 4 ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων.
 5 καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.³

2.2 Tradução do Texto grego

- v. 01 No princípio era o *Logos*, e o *Logos* estava em Deus e o *Logos* era Deus
- v. 02 Ele estava no princípio em Deus
- v. 03 Todas as coisas vieram a existência por meio dele, e nenhuma só coisa teria existido sem ele
- v. 04 Nele estava a vida e a vida era a luz da humanidade
- v. 05 E a luz brilha na escuridão, e a escuridão não a venceu.

2.3 Conteúdo e Teologia

Muitas discussões foram elaboradas a respeito do ambiente cultural e religioso em que o Evangelho foi escrito. Maggioni e Fabris (2006, p. 263) comentam que o Evangelho de João sugere diversas possibilidades. As antíteses existentes no Evangelho “carne/espírito”, “coisas celestes/coisas terrenas”, “de cima/de baixo”, assim como os adjetivos “verdadeiro” oposto a “aparente” remetem ao platonismo vulgarizado que estava presente no ambiente judaico da época. A conexão existente entre o *Logos* joanino e o *Logos* do judeu Fílon, denota o ambiente e pensamento judaicos. Deus apresentado como luz e a insistência do autor em mostrar o “conhecimento como via de salvação” lembram os

³ NESTLE – ALAND (2012).



escritos herméticos em uma mistura de “platonismo, estoicismo e motivos religiosos orientas”.

Vê-se uma gama de possibilidades para fundamentar o ambiente cultural e religioso em que o Quarto Evangelho estava inserido. Não existia apenas um ambiente, mas, ambientes e religiões diferentes.

Maggioni e Fabris (2006, p. 265) informam que os gnósticos, que defendiam o dualismo entre divino e humano, espírito e corpo, “tinham dificuldade de aceitar a encarnação do Filho de Deus e concebiam a salvação em termos de conhecimento antes que de fé e amor”. João vai se opor à eles mostrando a encarnação do Logos: a história real de Jesus de Nazaré, não um mito. Mostra que o dualismo não é cósmico, mas, histórico-ético.

A mensagem é também para os judeus, que depois da guerra dos anos 70 começaram a exaltar a Torá como a última revelação de Deus. João vai se opor à eles, mostrando que Jesus de Nazaré é a última manifestação de Deus.

O Evangelho de João é profundamente teológico. Possui uma teologia própria, diferente dos Sinóticos. A perícope em estudo se encontra na primeira estrofe do prólogo joanino, o hino Cristológico do *Logos*.

O primeiro versículo do Evangelho já declara que o *Logos* estava no princípio com Deus e era Deus. A mensagem passada por João nesta declaração polêmica de ser Jesus o Verbo divino teve e tem repercussões até hoje para o Cristianismo. Essa declaração remete ao Gênesis 1.1 quando declara que “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Isso significa que o *Logos* estava na criação, como deixa bem claro os versículos 3 e 4. O *Logos* é o criador de todas as coisas, é o princípio, o *archê*, tão defendido pelos gregos. Isso é atestado por Carson (2007, p. 114) que comenta sobre a palavra princípio do prólogo do Evangelho. Carson comenta que, para o Quarto Evangelho, o *Logos* é princípio absoluto da criação.

Cullmann (2002 p. 345, 346) afirma que embora João possa ter se valido de escritos pagãos, como o modelo mandeu, e de um



hino à Sabedoria como afirmam alguns teóricos, o termo, embora semelhante, não significa necessariamente semelhança de pensamentos. Quando João fala do *Logos* pensa automaticamente no Jesus encarnado, a revelação definitiva de Deus. Portanto, “não é o *Logos* estoico abstrato, nem o *Logos* mitológico; mas, um *Logos* que se torna homem, e que, justamente por esta razão, é o *Logos*”. Para a concepção não cristã, isso é inconcebível. Cullmann prossegue afirmando que essa concepção joanina do *Logos* é essencialmente cristã e não universalista. É certo que alguns teólogos modernos poderiam interpretar como uma revelação cristã especial em decorrência da revelação universal existente na filosofia. Porém, isso é falso, pois, o autor do Evangelho, mesmo se apropriando de pensamentos do Antigo Testamento e do helenismo, não quer dizer que os gregos, ao falar desse termo tivessem conhecimento da verdade expressa pelo evangelista. Ao contrário, o evangelista afirma que os gregos falavam do *Logos* sem mesmo o conhecer, pois, “ignoravam o Logos feito carne” (CULLMANN, 2002, p. 346).

O versículo 03 retrata o relacionamento de Deus com os homens. Isso é atestado por León-Dufour (1996, p. 60) ao comentar que o versículo 1bc-2 trata do *Logos* em seu lugar junto a Deus e no versículo 03, “pela sua relação com o mundo.

Esses versículos tratam da personalidade de Deus junto à criação, mais especificamente ao homem. Deus se relaciona com o homem através da criação.

A perícope em estudo fala acerca da salvação e da história da humanidade. Os versículos 4-5 tratam muito bem disso. Maggioni e Fabris (2006, p. 281) comentam que estes versículos trazem à tona dois símbolos: vida e luz, pois, a vida dos homens tem origem no *Logos*. O termo vida possui significado global, mas, sempre se refere a Deus e a Cristo, à vida que é alcançada através de Cristo. No *Logos* a humanidade encontra a realidade da salvação, pois, Ele é a razão da existência, o significado da história, o fim almejado.



Assim, o *Logos* é que conduz os homens à salvação, que dá sentido à vida. Quem não aceita este *Logos*, está destinado à condenação.

Após traçar este panorama exegético acerca do texto em estudo, faz-se necessário entender a doutrina do *Logos* na concepção dos “pais da igreja”, uma vez que, eles foram os responsáveis por fundamentar sistematicamente as doutrinas cristãs, principalmente a doutrina do *Logos* que foi muito debatida em sua época.

3. O LOGOS NA PATRÍSTICA

O termo Patrística se refere aos pais da igreja que viveram no início da era cristã e que contribuíram para a fundamentação das doutrinas cristãs. São muitos os pais da igreja, que defenderam a fé diante das heresias que foram surgindo. Um dos temas mais questionados e mais discutidos dessa época foi a respeito da divindade de Cristo. Embora muitos tenham recorrido acerca deste assunto, para este estudo, foram escolhidos Justino de Roma, Teófilo, Irineu, Clemente e Orígenes de Alexandria e Atanásio.

3.1 Justino de Roma

Justino foi o mais importante apologista do século II. De acordo com Reale e Antiseri (2003, p. 39) Justino nasceu na cidade de Flávia Neápolis, na Palestina. Escreveu duas Apologias e um Diálogo com Trifão. Era seguidor das ideias platônicas, mas, se converteu ao cristianismo em parte por causa do testemunho dos cristãos, que diante da morte permaneciam inabaláveis.

A doutrina do *Logos* é a mais importante de Justino. Frazão Junior (2015, p. 27) discorre a esse respeito informando que esta doutrina “forma uma espécie de ponte entre a filosofia helênica e o cristianismo”. Justino ensina que Cristo é a plenitude do *Logos*, porém, muito antes dele, a humanidade já vivenciava sementes do



Logos, pois, essa semente (σπέρμα) está presente na razão de cada ser humano. Não somente os profetas do Antigo Testamento, mas, também os filósofos pagãos tinham essa semente prestes a germinar. Justino exemplifica citando alguns filósofos como Heráclito, Sócrates e Musônico, que, para ele, eram verdadeiros cristãos, pois, viveram segundo as normas do *Logos*, o Verbo Divino.

Para Justino todo o conhecimento procede do *Logos*, porém, este não é apenas o princípio racional de todo o universo, mas, também é o Cristo do prólogo joanino. González (2004, p. 102) comenta com mais detalhes sobre esta doutrina do *Logos* e afirma que, diferentemente dos estoicos que acreditavam no *Logos* seminal como razão universal e que a razão individual participa e age no desenvolvimento das sementes do *Logos*, Justino defendia que as sementes do *Logos* não eram naturais nem universais, mas, resultantes da ação direta e individual do *Logos* seminal. Häggglund (1999, p. 23) concorda com González e informa que os apologistas, dos quais Justino fazia parte, se apropriaram do estoicismo para conceberem a ideia do *Logos*. Häggglund conclui ao afirmar que “O termo grego logos significa tanto “razão” como “palavra”.

3.2 Teófilo de Antioquia

São poucas as informações que existem a respeito da vida de Teófilo. Frangiotti (1995, p. 92) informa que ele nasceu na região dos rios Tigre e Eufrates, na Síria ou Assíria. Era de família pagã e se converteu ao cristianismo através da leitura dos profetas. Em relação às suas obras, apenas os três livros *A Autólico* é conhecido, mas, parece ter escrito mais livros, pois, vários testemunhos da antiguidade atestam isso, como Eusébio de Cesaréia e Jerônimo.

Olson (2001, p. 63, 64) informa que Teófilo escreveu os três livros para seu amigo pagão Autólico no intuito de responder aos comentários que este fizera contra o cristianismo. Em relação ao *Logos*, Olson comenta a concepção de Teófilo, declarando que



para ele o *Logos* é o agente da criação e que fala através dos profetas. O Logos foi gerado de Deus. Todas as coisas foram criadas por meio dele.

Reale e Antiseri (2003, p. 41) também comentam a respeito desta concepção de *Logos* para Teófilo ao declarar que para ele existem dois *Logos*: o intimamente ligado a Deus e o proferido por ele. Uma explicação mais detalhada sobre estes dois *Logos* é dada pelo próprio Teófilo (2,22) in Frangiotti (1995, p. 111-112) ao informar que no Jardim do Éden quem se apresentou para Adão foi o *Logos*, o Filho de Deus. Ele explica que Filho não no sentido carnal, mas, imanente no coração de Deus. Este *Logos* era conselheiro de Deus sempre antes de realizar alguma coisa. Quando Deus decidiu realizar tudo o que havia projetado, gerou o *Logos* proferido, princípio de toda a criação. Porém, tendo proferido este Logos, não se esvaziou dele, pois, como bem as Escrituras já afirmam “No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus”, significando que no princípio existia somente Deus e seu Verbo que estava nele.

3.3 Irineu de Lião

Assim como Teófilo, são poucas as informações que se tem a respeito da vida de Irineu. Estima-se que nasceu na Ásia Menor, por volta do ano de 135 d.C. González (2004, p. 153) afirma que Irineu mais tarde foi residir em Galia, na cidade de Lião, que tinha nesta localidade um grupo de cristãos dentre os quais alguns migraram também da Ásia Menor. No ano de 177 d.C. Irineu substituiu Potino, o bispo de Lião, que morreu martirizado.

Irineu procurou combater os ensinamentos heréticos que estavam sendo difundidos em sua época, principalmente o gnosticismo que tinha como principal defensor Marciano.

O argumento mais importante de Irineu é em relação à Cristologia, principalmente sobre a doutrina do *Logos*. Ribeiro (2014, p. 18) comenta sobre essa doutrina afirmando que para Irineu, tudo foi criado pelo *Logos*, este é a fonte de vida, na



encarnação tudo volta para ele. “O *Logos* é o próprio Deus. Ele é distinto de tudo o que é gerado e coexiste com o Pai desde toda a eternidade”. Estas afirmações são ratificadas por Hägglund (1999, p. 41) ao mencionar que Irineu acreditava que Cristo estava com Deus na eternidade. Porém, diferente dos Apologistas que sustentavam ser o nascimento do *Logos* parecido com o da Palavra que procedeu a razão, quando ocorreu a criação, Irineu não fornece explicação mais detalhada de como o Filho procedeu do Pai, mas, apenas enfatiza que sobre isso, ninguém pode saber.

Irineu acreditava que a encarnação do *Logos* é o ápice da criação. Isso é descrito por Ribeiro (1995, p. 16), ao comentar que para Irineu a encarnação do *Logos* está intrinsicamente ligada à paixão e ressurreição de Jesus, o Cristo de Deus. O objetivo desta encarnação foi mostrar ao ser humano a sua condição, sua natureza. Este acontecimento ocorreu no tempo certo, tempo este em que a humanidade estava preparada para receber este *Logos* encarnado.

3.4 Clemente de Alexandria

A vida de Clemente é um mistério. Não existem registros sobre o seu nascimento e sobre sua morte, a possível data fica entre 211 e 216 d.C. González (2004, p. 187) comenta que provavelmente Clemente nasceu em Atenas, onde viveu até sua conversão. Sobre esta informação Reale e Antiseri (2003, p. 43) acrescentam que Clemente pode ter nascido em Atenas ou Alexandria por volta do ano 150.

Walker (2006, p. 106) argumenta que da mesma forma que Justino, Clemente era pagão, mas, se converteu ao Cristianismo e era um intelectual profissional. Clemente acreditava que a filosofia não se opunha ao Cristianismo, mas, que foi utilizada como preparação para a revelação final do *Logos*. A fé é o critério primordial para a ciência, mas, a filosofia acrescentada à fé torna-se um instrumento de defesa desta.



Em relação a sua teologia, Häggglund (1999, p. 51) relata que a ideia da pedagogia de Deus é o seu fundamento. Para que o espírito caído retorne à comunhão com o divino, faz-se necessária a educação através de disciplina e castigo, além da instrução e admoestação, esta é a ideia da Pedagogia de Deus. Häggglund continua, afirmando que para Clemente, é através do *Logos* que esta educação é realizada. O *Logos* se revelou definitivamente no cristianismo, mas, atuou de forma preparatória para a vinda de Cristo através da Lei dada aos judeus e da filosofia obtida pelos gregos. Tanto a lei, quanto a filosofia participaram deste processo da pedagogia de Deus a fim de preparar os homens para receberem o *Logos* encarnado que é Cristo. Assim, a filosofia e a lei foram ultrapassadas pela chegada de Cristo, o salvador que conduz o homem a fé. Isso é corroborado por Reale e Antiseri (2003, p. 44) que comentam ser o *Logos* o fundamento da teologia de Clemente. Este *Logos* é entendido em três sentidos: “a) princípio criador do mundo; b) princípio de toda forma de sabedoria, que inspirou os profetas e os filósofos; c) princípio de salvação (*Logos* encarnado)”. É evidente que esta ideia de *Logos* não está distante da ideia defendida por alguns filósofos.

3.5 Orígenes de Alexandria

Diferente de outros pais da igreja dos quais quase nada existe sobre suas vidas, a biografia de Orígenes é bastante conhecida. Ele nasceu em Alexandria entre o ano de 182 e 185 e sua família era cristã. Sucedeu Clemente na escola alexandrina, quando tinha dezoito anos, mas, depois, fundou a sua própria escola.

É na obra *Dos Princípios fundamentais* que Orígenes fala acerca do *Logos*, além de outros assuntos. Häggglund (1999, p. 55) informa que para Orígenes Deus criou um mundo espiritual, inteligível e que este mundo procede de Deus desde a eternidade e Cristo, que é o *Logos*, faz parte deste mundo. Diferente dos apologistas e de Tertuliano que acreditavam que o *Logos* apareceu



no momento da criação, Orígenes acreditava que o *Logos* é eterno e independente, nunca houve tempo em que ele não existisse. Assim, o Filho tem a mesma essência do Pai e está subordinado a Ele. Foi Orígenes que cunhou o conceito de *homooúsios* (mesma natureza) e subordinação.

Orígenes tem a mesma concepção de pedagogia divina defendida por Clemente. Walker (2006, p. 112) confirma isso informando que para Orígenes, no mundo inteligível, os espíritos imateriais, criados por Deus, viviam em perfeita harmonia, mas, depois que o mal penetrou nesta esfera, esses seres sofreram a queda, surgindo então, os homens, os anjos e os demônios. Deus criou o cosmos visível a fim de ensinar a estes seres a retornarem à sua glória original. Neste processo entra a ideia da pedagogia de Deus que culmina na encarnação do *Logos*. Portanto, para Orígenes, “o *Logos* aproxima-se dos seres humanos decaídos através da mediação da única criatura racional que não caiu: o ser humano que é Jesus”.

3.6 Atanásio

A vida de Atanásio está entrelaçada com o conflito niceno que se deu no ano 325. O seu nascimento é datado do ano 295 em Alexandria e sua morte em 02 de maio de 373. Atanásio era diácono do bispo Alexandre, da cidade de Alexandria quando se deu o Concílio de Nicéia. Este Concílio foi feito a fim de dar fim ao conflito criado pela revelação de um herege por nome Ário que era presbítero de uma igreja importante em Alexandria o qual declarava que Cristo não era Deus, mas era uma criatura criada assim como as outras.

Diante das declarações de Ário que afirmava ser Cristo um ser intermediário e criado, Atanásio começa sua grande defesa com firmeza. Em relação ao *Logos*, González (2004, p. 286) afirma que Atanásio acreditava que Deus criou e governa a criação através do Verbo, isso é evidente na ordenação dessa criação. Diferente do *Logos* estoico que o mostra como um princípio



impessoal, Atanásio defende que quem governa o mundo é o *Logos* vivo de Deus, que é o próprio Deus.

Para Atanásio a salvação e a criação andam juntas. Hägglund (1999, p. 68) atesta isso e afirma que Atanásio acreditava que Cristo realizou a obra salvífica a fim de que o homem retornasse à sua condição original. O homem foi condenado por causa do pecado e afastou-se de Deus, portanto, precisa ser salvo. Então, Hägglund conclui informando o pensamento de Atanásio de que “a salvação foi conseguida quando o Filho de Deus, o *Logos*, pessoalmente envolveu-se na humanidade e com isso reconduziu o homem à sua semelhança com Deus”.

A grande questão da discussão entre Atanásio e os arianos era em relação a uma letra minúscula em grego na palavra *homoiousios*. Para Atanásio, o correto era *homoousios*. Olson comenta a esse respeito e informa que Atanásio era bem resistente a ceder suas convicções em relação a isso. Olson explica o porquê de Atanásio ser resistente ao declarar que

A diferença entre *homoousios* e *homoiousios* é a diferença entre a Divindade e a criatura. O primeiro diz que o Filho é Deus. O segundo diz que o Filho é *semelhante* a Deus. Se um ser é Deus, dizer que é semelhante a Deus está totalmente errado. Se um ser é apenas *semelhante* a Deus, declarar que ele é Deus seria uma heresia ou até mesmo uma blasfêmia. Atanásio percebeu isso e resistiu à sedução de ceder (OLSON, 2001, p. 86).

Portanto, Atanásio foi muito sábio em resistir às pressões dos hereges em relação à divindade de Cristo. A descrição dessa divindade não poderia de forma alguma ser definida como *homoiousios*, pois, Cristo não era semelhante a Deus, mas, Deus assim como o Pai e o Espírito Santo.

Atanásio refutava a concepção anterior de que Cristo era subordinado ao Pai. Para ele, o *Logos* não é outro Deus, mas, é Deus na mesma essência que o Pai e o Espírito Santo.



Assim, os pais da Igreja se levantaram para a defesa da fé diante das heresias surgidas. Embora alguns se utilizaram da Filosofia para fundamentar suas defesas, não se restringiram à ela, mas, tiveram como base fundamental as Escrituras Sagradas. Possuíam formas diferentes de defender e respaldar suas concepções acerca do *Logos*, mas, todos acreditavam no *Logos* declarado por João no Quarto Evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se debruçou em mostrar a doutrina do *Logos* do ponto de vista dos pais da Igreja. Para isso fez um passeio breve pela Filosofia, mostrando os principais proponentes da defesa dessa doutrina. Seguiu então rumo ao texto que suscitou as controvérsias acerca do tema: o Quarto Evangelho que declarou de início ser Jesus o *Logos* encarnado. Por último e, não menos importante foram mostradas as percepções dos pais da igreja acerca do tema.

Para a filosofia o termo *Logos* pode ter vários significados: desde discurso, razão, princípio, dentre outros. Heráclito e a escola filosófica Estoica defenderam seus pontos de vista com base na Filosofia. Já o judeu Fílon de Alexandria se apropriou de conceitos filosóficos e judaicos para conceber seu pensamento acerca do *Logos*.

O Quarto Evangelho revoluciona a concepção helênica e judaica no início da Era Cristã ao declarar no prólogo do seu escrito que o *Logos* não era o que a cultura helênica, nem o judaísmo, muito menos o que os povos pagãos declaravam. O *Logos* é Jesus Cristo, o Filho de Deus, que se tornou carne, a revelação última de Deus, o Deus-homem. Isso suscitou controvérsias e interpretações errôneas.

Diante destas controvérsias e interpretações erradas da declaração acerca do *Logos* joanino, surgindo, portanto doutrinas heréticas, os pais da Igreja se levantaram para defender a fé no Deus-*Logos*. Através de estudos, cartas e tratados, muitos



apresentados em Concílios, criados especificamente para esse fim, mostraram ao mundo a firmeza da sua fé.

Através das diversas fontes bibliográficas pesquisadas para o estudo em questão aplicadas ao corpo geral do trabalho e à análise exegética, ficou evidenciado que os pais da Igreja não se curvaram diante das heresias presentes no contexto em que viveram, mas, com ousadia e coragem defenderam a divindade de Cristo de forma categórica. Embora muitos se contradissem em alguns pontos de suas defesas, o teor geral da mensagem foi mantido, fato que culminou nos grandes Concílios, contribuindo para a sistematização da fé na divindade da Pessoa de Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, M. F. **A ideia de sistema no pensamento clássico grego (III)**. Síntese - Rev. de Filosofia, V. 40 N. 127, Belo Horizonte: 2013.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Editora Academia Cristã, 2008.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Custom, 2002.

DOCKERY, D. S. **Manual bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

FRANGIOTTI, R. **Padres apologistas**. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; 02)

FRAZÃO JUNIOR, V. S. **Abordagem Contemporânea da Cristologia do Concílio de Calcedônia**. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, Rio de Janeiro, 2015.

GONZÁLEZ, J. L. **Uma história do pensamento cristão: do início até o Concílio de Calcedônia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.



HÄGGLUND, B. **História da teologia**. 6ª ed. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1999.

HENDRIKSEN, W. **O Evangelho de João**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, (Coleção Comentário do Novo Testamento) 2004.

HULL, W.E. João. In: **Comentário Bíblico Broadman**, volume 09, Lucas-João. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

JAPIASSU, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEÓN-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho Segundo João I** (capítulos 1-4). São Paulo: Edições Laoyola, 1996.

MAGGIONI, B; O Evangelho de João. In: MAGGIONI, B; FABRIS, R. **Os Evangelhos II**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MORA, J.F. **Dicionário de filosofia, tomo III (K-P)**. São Paulo: Loyola, 2001.

NESTLE – ALAND. **Novum Testamentum Graece** (28th Edition). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

OLSON, R. E. **História da teologia cristã**: 2 000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia**: antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **História da Filosofia**: patrística e escolástica, v. 2. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **História da Filosofia**: filosofia pagã antiga. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **História da Filosofia**: filosofia pagã antiga. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

“IRINEU DE LION”. RIBEIRO, H. In. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 1995. — (Patrística; 04).



“IRINEU DE LION”. RIBEIRO, A, L, do V. *In*. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014. — (Patrística; 33).

SANTOS, B, S. *In* ORIGENES. **Tratado sobre os Princípios**. São Paulo: Paulus, 2014. — (Patrística; 33).

TILLICH, P. **História do pensamento cristão**. 2ª ed. São Paulo: ASTE, 2000.

TUÑI, J. O. A escola joanina: Evangelhos, cartas e Apocalipse. *In*:

O'CALLAGHAN, J (org.). **A formação do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2000.

WALKER, W. **História da igreja Cristã**. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2006.

